

## **GRAMÁTICA DE TEXTO: UMA QUESTÃO DE ENGENDRAMENTO DE SENTIDO**

**Ivone de Lucena Figueiredo**  
**UNESP/Araraquara**

O Atelier de Leitura e Produção Textual (ALPT) é um projeto de extensão aprovado pelo colegiado do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba e tem como objetivo geral desenvolver estudos e pesquisas que auxiliem o aluno no processo da leitura e da produção textual.

Em oficinas de textos, que se realizam uma vez por semana durante duas horas-aula, a prática de produção textual que adotamos se processa com um objetivo maior: o prazer da escritura – o "prazer do texto" que emerge do prazer da leitura e da vontade de escrever.

Para toda produção textual é necessário estimular a busca de sentido através do processo de semiotização que dá, na verdade, o texto – a superfície. Não se pode escrever a partir do nada. E não se pode afirmar que o aluno não sabe escrever, porque todos têm a competência textual, já que nascem no mundo dos objetos e sempre estão "lendo" o mundo. O que se faz necessário é fazê-lo ver ou "ler" o que está ao seu redor, significando, mas de forma prazerosa numa simbiose: prazer da leitura/prazer do texto (escrita). E, nessa relação de prazer, o aluno trabalha o jogo da linguagem com os signos – o lingüístico com o extralingüístico, a denotação com a conotação que vão tecendo o texto num processo discursivo peculiar a cada produtor, resultando em forma diferentes tais como: narração, descrição, dissertação, poemas. Todavia, com uma narratividade única que se faz presente em discursos que estão por trás do texto.

Os procedimentos semânticos de cada texto são processos de semiótica criados a partir de relações com objetos lidos. O percurso gerativo de sentido vai se construindo por meio dessa relação homem-objeto numa semiose que vai da estrutura profunda (o subjacente) à estrutura de superfície (a textualização). Isto porque os elementos semióticos formativizam as idéias em temas que são figurativizadas a partir de vivências, de experiências de cada ser – a partir do seu domínio cognitivo.

Os textos ali produzidos, são, portanto, resultado de relações dos sujeitos-alunos com "objeto-valor" que vão gerar sentido através de estruturas textuais, estas, manifestadas em discursos disseminados sob a forma de percursos temáticos com investimentos figurativos por sujeito da enunciação – o produtor do texto – que assegura uma semântica coerente do seu discurso enquanto texto e cria "concretização figurativa do conteúdo" (BARROS, 1988: 68).

Procuramos "ler" as produções textuais dos alunos (participantes) do Atelier analisando as estruturas de discursividade no processo gerativo de textos, já que acreditamos que estas várias estruturas emergem de um só ponto: o texto motivador. E é por meio do mesmo processo de semiótica que as estruturas emanam.

Estando no plano da semiótica que pretende então analisar o texto em sua estrutura "interna" e "externa", preocupamo-nos em ler os textos dos alunos com olhos semióticos procurando "explicar o ou os sentidos do texto pelo exame, em primeiro lugar, de seu plano de conteúdo". (BARROS: 1990: 8)

As diferentes manifestações textuais dos frequentadores do Atelier, nos fazem pensar num percurso gerativo de sentido que vai estruturar cada texto de forma individualizada, contudo sob estruturas capazes de gerar sentidos por meio de camadas encadeadas que vão construir o seu plano de conteúdo desde o mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto.

Entendemos o texto como objeto onde se tem a linguagem funcionando, onde elementos – as palavras – se organizam para formar um todo com sentido. Isto nos remete à idéia de que é no texto que encontramos elementos lingüísticos e estilísticos numa estrutura chamada de superfície que nos levarão, através de uma semiótica lingüística, a elementos de estrutura profunda – valores que estão na base da narrativa de um texto. É na busca do conteúdo, é na busca do ou dos sentidos

que procuramos o que o texto diz e como faz para dizê-lo. Para tanto, tentamos ver a existência da estrutura formalizável, a existência de invariantes que estão na base – uma estrutura de superfície e uma estrutura profunda.

O que é então que faz um texto ser um texto? É ter ele um sentido único, coerente. E este sentido vai se construindo numa teia, em camadas superpostas dentro do texto – é o que na teoria semiótica de Greimas se chama de percurso gerativo do sentido.

Numa leitura semiótica, um texto pode ser estudado não só pela sua estrutura de superfície (linear) mas por uma série de enunciados narrativos que formam uma teia. É assim que veremos o texto do aluno como texto: uma soma de enunciados que vão construindo, por meio de uma teia, o seu percurso gerativo de sentido, num engendramento de sentido formando uma gramática de texto.

É preciso, tomar o texto como discurso, enquanto "estado determinado de um processo discursivo" (ORLANDI, 1988: 59) e nele poder encontrar significados, tematização, figurativização, estilo, etc.

A Semiótica nos oferece meios para ver as camadas que possui um texto: uma camada fundamental, uma narrativa, uma discursiva até gerar o texto. É na camada fundamental que se encontram os valores. O nível narrativo são as estruturas que dão formas ao texto, é uma teia não só linear, através de relações sintagmáticas mas também um feixe de camadas dentro do texto. É nesta camada que os valores que estão na base são narrativizados. É no terceiro patamar ou nível discursivo que vamos ter a caracterização do texto e como os valores e a narrativa são "concretizados" ou materializados. Aí então chegamos à textualização – à camada textual.

Partindo do princípio de que o homem está sempre em relação com objetos, dizemos que qualquer texto tem narratividade, ela é abstrata e subjacente a qualquer texto, porque o princípio da narratividade está na forma sob a qual o homem interpreta a realidade, na forma como ele consegue entender essa realidade e é através da construção de texto que pode semiotizá-la: o sentido se concretiza enfim com a construção do sentido ou melhor, com a interação do sentido.

Para estudarmos então a interação do sentido de um texto é preciso analisar os seus patamares e como se faz a transposição das estruturas imanentes para a forma.

No primeiro plano encontramos a estrutura fundamental onde se têm valores que vão ser direcionados e narrativizados pelo sujeito da enunciação. É a primeira etapa na geração do sentido em que "é preciso determinar a oposição ou as oposições semânticas das quais se constroem o percurso e suas etapas" (BARROS, 1988: 10). É nessa camada que estão localizadas as categorias semânticas que constituem o ponto de partida de geração do discurso. É onde surge a significação como uma oposição semântica mínima, cujas sintaxe e semântica fundamentais constituem o nível profundo da gramática chamada de sêmiot-narrativa – o que dá o percurso de geração do sentido de um discurso.

É na segunda camada – a chamada nível narrativo – que os valores "virtuais" são assumidos por um sujeito: aquele que determina a competência e os valores do jogo (BARROS, 1988: 18). É nesta estrutura que as operações da etapa fundamental são examinadas como transformações operadas por sujeitos de ação. É o sujeito que faz FAZER (Ser-fazer = competência) e faz SER (fazer-fazer = performance). Isto é feito através de uma relação de transitividade entre dois actantes: o sujeito e o objeto. Todo o processo da camada narrativa é feito por uma sintaxe e uma semântica que são definidas por papéis actanciais, programas narrativos, percurso narrativo, esquema narrativo, projeções da enunciação, efeito de validade, relações entre enunciado e enunciatário, tudo em uma organização sintática do discurso: procedimentos sintáticos e efeitos de sentido. Tudo isso é feito em conversão da primeira para a segunda camada do percurso gerativo do sentido do texto. Os valores axiológicos virtuais são convertidos em valores ideológicos, "entendidos como valores assumidos por um sujeito, a partir da seleção no interior dos sistemas axiológicos" (BARROS: 1988: 28) por um processo de sintaxe e semântica narrativa, que é responsável pelo modo de existência e de funcionamento das estruturas narrativas ou superficiais que constituem a etapa imediatamente superior à das estruturas fundamentais.

A camada discursiva, o terceiro patamar, é o nível em que o texto aparece como resultado da enunciação, como **discurso**. Aqui neste nível as etapas anteriores da geração do sentido já foram percorridas.

Aqui "os esquemas narrativos são assumidos pelo sujeito da enunciação, que os converte em discurso e nele deixa "marcas". Dessa forma, o exame da sintaxe e da semântica do discurso permite reconstruir e recuperar a instância da enunciação" (BARROS, 1988:72).

É nessa camada da estrutura de texto, no nível do discurso, que, através de análise, pode-se reconhecer os procedimentos utilizados para se conseguir efeitos de sentido. É que existe uma relação estabelecida entre enunciação e enunciado que cria efeitos de sentido. É nesse terreno que se busca descrições a fim de distinguir as diversas formas de projeção da enunciação e os mecanismos que articulam o saber.

Dizemos então que os processos utilizados nessa camada, são responsáveis pelo efeito de sentido.

É através da sintaxe discursiva que se explicam as relações do sujeito da enunciação com o discurso enunciado e como são estabelecidas as relações entre enunciador e enunciatário.

Na semântica discursiva, o sujeito da enunciação assume os valores que são difundidos sob a forma de percursos temáticos com revestimentos figurativos, estes, chamados de procedimentos semânticos do discurso. São os procedimentos semânticos – a tematização e a figurativização – que estabelecem, no discurso, a coerência semântica e cria efeitos de sentido da realidade através da concretização figurativa do conteúdo.

As estruturas discursivas são enriquecidas semanticamente pelos procedimentos semânticos de tematização e figurativização que tornam as organizações discursivas complexas e específicas.

Os valores virtuais que surgem na camada fundamental, apresentam-se no nível discursivo como percursos temáticos e figurativos, e é através deles que se podem criar efeitos de sentido.

O processo de tematização se faz "pela recorrência de traços semânticos ou semas, concebidos abstratamente" (BARROS, 1990: 68) que são chamados de percursos temáticos. É o sujeito narrativo convertido em ator que cumpre o papel temático, isto quer dizer que a recorrência de um tema no discurso depende da conversão do sujeito. É por isso que o tema é a constante e as figuras as variáveis porque figurativizam os mesmos temas de várias maneiras; é o que acontece com a produção textual do Atelier que toma um tema (ou um valor virtual) como modelo e os "escritores" figurativizam de maneiras diferentes, a partir das várias significações que cada um pode desenvolver.

Parte-se assim, de uma abstração para uma concretização – a figurativização – que, por sua vez, remete ao mundo natural. Essa abstração é concretizada pelo revestimento figurativo que cria um efeito de realidade pois constrói uma imagem do real e representa, assim, o mundo.

Pretendemos, então, descobrir o tema do amor que subjaz à figurativização nos discursos mostrados nos variados textos dos participantes das oficinas de textos do Atelier. Acreditamos ser possível chegar à semiotização dada ao tema do amor que vem figurativizado nos discursos que se seguem.

O amor que aparece nos textos aqui escolhidos para análise apresenta-se no nível discursivo como percurso temático e figurativo. É através desses procedimentos semânticos que "lemos" os discursos aqui textualizados.

Analisamos então dois textos onde o amor é figurativizado pela relação homem/mulher

#### TEXTO Nº 1

##### **A procura do amor**

Percorri a floresta  
procurei entre os montes  
olhei para o sol  
deitei sobre a relva  
A noite chegava e eu  
nada de achar.  
Parti para longe,  
fui até à cidade  
para o amor encontrar.  
Andei com pessoas  
vivi cada noite  
e nada de amar.  
Até que um dia  
numa noite sombria  
Eu, a passear,  
Senti em meu peito  
a doce vontade de uma criança ninar.  
A criança tristonha  
sentiu meu abraço  
e saiu a sorrir.  
A partir desse instante  
descobri que o amor nunca ia encontrar,  
Pois ele já vive dentro de nós  
Basta apenas, querermos amar.

*Vânia de Macêdo Lins Fialho*

Aqui o amor é tema, o texto é interpretativo, é predicativo, porém vem definido por figuras. A figura natureza é usada para definir, para significar o amor. Este é figurativizado nos cinco primeiros versos por elementos da própria natureza; há uma recorrência ao mundo natural para marcar a busca do amor: "floresta", "montes", "sol", "relva". Já nos versos seguintes há um deslocamento de lugar para que a busca do amor continue em outro espaço e se encontre o sentimento não mais nos elementos da natureza, mas em figuras da cidade: "longe", "cidade", "pessoas", "noite", "passear", "criança tristonha".

Podemos dizer que esse texto é figurativo. Nele apresenta-se o amor com elementos do mundo natural. Pela presença de figuras da natureza e da cidade é necessário descobrir, na leitura, os temas subjacentes que dão sentido a essas figuras. São dois esses temas: a definição do amor e a busca do amor. A procura se faz na natureza quando o sujeito-produtor tenta "encontrar" o sentimento do amor na floresta, no monte, no sol, na relva e na procura dos elementos da cidade quando tenta achar o amor nas "pessoas", na "cidade", no "passeio", na "noite", na "criança tristonha". No final do texto ela define o amor quando "descobre" que ele não se "encontra", se "sente". O valor abstrato do amor como "sentir" vem concretizado na perspectiva de encontrar o amor em elementos concretos do mundo natural. E, como o amor não é concreto mas uma abstração, conclui o enunciado que não o encontraria nunca em "coisas" materiais mas no gesto, no sentimento de amar.

Vemos, portanto, que o tema foi figurativizado numa visão de significação particular. O encadeamento das figuras, a rede relacional dada a cada figura constituiu o percurso figurativo do tema que criou, assim, o sentido do texto.

## TEXTO Nº 2

### **Indefinível, mas Real!**

Abro a janela  
Vejo o horizonte!  
Nele, o colorido  
do crepúsculo  
me mostra o amor:  
    Serenos  
    Suaves  
    Brilhantes

Ofuscante  
 Infinito!  
 Levanto os olhos  
 Vejo o espaço  
 Lá, estão as estrelas  
 Cintilantes!  
 A lua gorda e branca...  
 Transparente,  
 me revela o amor:  
     Calmo  
     Forte  
     Verdadeiro  
     Largo  
     Estreito  
     Bonito!  
 Corro lá fora  
 Vejo a natureza!  
 Aqui o belo aparece  
 E o amor se me apresenta:  
     Na rosa  
     Nas águas doces  
     No verde  
     Nos pássaros  
     No mar...  
 Volto para dentro  
 Vejo você  
 Meu coração pulsa!  
 Acelerado  
 Bombardeia sangue  
 Velozmente  
 Forte  
     porque traz

paixão  
 carinho  
 afeto  
 contato  
 sensibilidade  
 vida  
 toque  
 porque traz o AMOR!

*Ivna Lúcia*



Aqui o texto é temático. Há uma tentativa de definir o amor e, como ele é abstrato, é sentimento, é gesto, o sujeito-produtor recorre a elementos da natureza, não pelo que ela é como natureza, mas porque os poetas buscam defini-lo com a expressividade da natureza que metaforiza pelo concreto o sentimento. Há um jogo de figuras: "horizonte", "colorido", "crepúsculo", "estrela", "lua", "rosas", "águas doces", "verde", "pássaros", "mar", todas acompanhadas de adjetivação que, por serem figuras concretas e expressivas revestem o tema do amor com características concretas. As "marcas" do amor aparecem nessas figuras como a expressar sua beleza, sua pureza, sua doçura, sua realidade!

Há um predomínio da tematização com dois temas que constroem todo percurso temático do sentido: uma inquietação em definir o amor como real, daí a procura de elementos reais, visíveis e expressivos; o amor como belo e existente, o amor como sentimento expresso como paixão. Há uma idealização do amor como perfeição e uma busca de comprovar essa perfeição na figurativização: cada elemento concreto e real aqui recorrido, marca a presença e a perfeição do amor.

Os reflexos da ideologia do amor também se fazem marcar no nível discursivo: um amor desejado por todos os humanos: puro, perfeito, lindo e sensível.

O que se pode concluir depois dessa breve análise ou melhor, depois de ter "lido" os textos com olhos semióticos, é que os alunos para construir sentido em textos ou "percurso gerativo de sentido" foram buscar "valores" na subjacência, o que se chama camada fundamental. O amor tem um valor virtual e este é assumido por sujeitos-produtores que buscam, através de sua narratividade, atribuir definições a um sentimento.

Por se tratar de um elemento abstrato, as figuras que aparecem para definir tal sentimento são do mundo natural. O que significa dizer que eles buscaram o real como a natureza, as pessoas, os objetos, todos concretos, para figurativizarem o amor.

Entendemos, portanto, que, por ser o amor um sentimento que não se pode "ver" nem "encontrar", mas apenas senti-lo, foi figurativizado no humano e nas representações da natureza que revestem-no de beleza, singeleza, suavidade, cor, encanto, pureza, arte, esperança, presente, passado, futuro, sonhos, calma, brilho, sensibilidade, prazer, etc.

A ideologia do amor apresentada nos textos escolhidos é comum a todos: o amor existe, é real mas não se "encontra", se **sente** e, por se sentir o amor, este é sentimento, sensibilidade, sensações que estão dentro do homem até o momento da sua concretização.

É através dos procedimentos semânticos de tematização e figurativização que a semiotização ocorre, porque é por meio das figuras descritas, presentes nos discursos, que o amor é definido e discursivizado. É por meio dessas figuras que os sujeitos-produtores estabelecem "uma relação de semelhança com o objeto representado" (CHALUB, 1988: 82). E no caso do tema que aparece nos textos, por ser um "objeto" de valor abstrato foi figurativizado com elementos do mundo natural.

Os dois textos aqui tomados tratam do mesmo "tema" de maneira distinta. Os percursos temáticos e figurativos do tema genérico do amor são diferentes e constituem configurações discursivas distintas porque são discursos particulares, elaborados por processos de semiotização também particulares. O que há de comum entre eles é a articulação de uma ideologia, um saber sobre o amor enquanto sentimento; ele existe mas não pode ser "visto" ou "lido" a não ser através de figurativizações: processos de semiotização no momento da produção textual. O universo figurativo reveste a construção do sentido do texto de acordo com o universo de significações de cada sujeito-produtor, o que resulta em discursos textualizados conforme um saber armazenado, um saber contextualizado e uma ideologia.

## Referências

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. 1. ed. São Paulo: Atual, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1988.
- CHALUB, Samira. *A metalinguagem*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: Uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Edusp, 1989
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. Campinas, Cortez Editora, 1988.